

O olhar estrangeiro: uma análise de fotografia de viagem¹

Fernanda de Façanha e CAMPOS²
Alessandra Oliveira ARAUJO³
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

Resumo

O presente artigo é faz uma análise dos registros fotográficos feitos durante intercâmbio acadêmico para Porto, Portugal, realizado no período de janeiro a julho de 2015. A partir da revisão bibliográfica sobre comunicação e cidade feita no grupo Jornadas Urbanas e Comunicacionais, Jucom, foi percebido que as fotografias produzidas durante o intercâmbio poderiam ser analisadas com base nos autores discutidos. Em um momento, será abordado o intercâmbio relacionado ao olhar do estrangeiro e a comunicação visual com referência nas obras de Massimo Canevacci (1997) e Ricardo Campos (2007). Em um segundo momento, a reflexão será sobre o inconsciente ótico e os pormenores observados nas imagens, a partir de Walter Benjamin (1987) e Martins Filho e Araújo (2015). Por fim, haverá um recorte do álbum de fotografias e uma análise das imagens.

Palavras-chave: cidade; fotografia; intercâmbio; estrangeiro.

INTRODUÇÃO

A partir do tema ‘olhar do estrangeiro’, esta pesquisa foi idealizada e desenvolvida pelas análises de fundamentações teóricas como de Massimo Canevacci (1997) e Walter Benjamin (1987). Após a realização do intercâmbio acadêmico de janeiro a julho de 2015, em março de 2016 a estudante começou a participar das discussões do grupo de pesquisa Jornadas Urbanas e Comunicacionais, Jucom.

O Jucom é grupo de pesquisa que estuda sobre comunicação e cidade, desenvolvido por estudantes e professores na Universidade de Fortaleza. O grupo existe desde 2010 e atualmente é coordenado pela professora Alessandra Oliveira para os cursos de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza. O principal objeto de estudo é a

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Comunicação Social Jornalismo da Universidade de Fortaleza, Unifor, email: fernandafacanhac@hotmail.com

³ Professora de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, Unifor, email: alessandraoliveira@unifor.com.br

discussão da comunicação no contexto urbano a partir de variadas manifestações comunicacionais.

O processo de pesquisa ocorreu a partir da leitura dos textos dos autores Walter Benjamin (1987), Ricardo Campos (2007), Massimo Canevacci (1997), Martins Filho e Araújo (2015). No decorrer da leitura, a estudante recordava as experiências vividas no intercâmbio e relacionava com a teoria, compondo assim parte do projeto. A escolha das imagens para o álbum de fotografias, composto por 124 fotos, se deu por seleção das imagens de graffiti e outras de cotidiano que pudessem expressar o conceito de inconsciente ótico.

A problematização da pesquisa ocorre em explicar e analisar o percurso do intercâmbio acadêmico como objeto de pesquisa, a partir das experiências, vivências e dos registros fotográficos feitos durante dos seis meses de experiência. É importante destacar que a ideia desta pesquisa foi posterior ao intercâmbio, por isso foi realizada em maio de 2016 e não foi algo pensado durante janeiro a julho de 2015.

Uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem [...]. (CANEVACCI, 1997, p. 15)

Polifonia são duas ou mais melodias combinadas em uma só composição. O som das gaivotas, sotaques de diferentes nacionalidades, vento, chuva, das águas do Rio Douro buzinas distantes, rapidez em pisadas, barulho da chegada e saída do metrô, faziam parte da composição da cidade.

O autor também reflete sobre as conseqüências em ser estrangeiro e aceitar o que pode vir a mudar, desde a percepção da cidade nova e os hábitos que serão construídos a partir dos estranhamentos e reflexões feitas pelas experiências.

Estou convencido de que é possível elaborar uma metodologia da comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado, antes de poder reconstruir uma nova identidade metropolitana (CANEVACCI, 1997, p. 15)

Canevacci (1997) analisa também que o estranhamento e desenraizamento são momentos essenciais para o estrangeiro por permiti-lo atingir novas possibilidades a partir de vivências imprevisíveis que envolve a razão e emoção. Conclui-se também o encontro do protagonista (viajante) com o seu novo habitat, em que coisas até então estranhas tornar-se-ão habituais e partes de um novo cotidiano.

O autor contextualiza o novo habitante naquela cidade, em que ao chegar tudo será diferente de sua cultura. O olhar urbano passará a ser refinado, modificado, desenvolvendo seus conhecimentos metropolitanos e históricos daquele lugar, a partir de conversas com habitantes, estudos e também observação do cotidiano.

[...] para que se refine o olhar urbano, o qual de um lado já foi educado para colher a multiplicidade coexistente dos signos emitidos pela comunicação tecnicamente reproduzível, mas, do outro, é ainda incapaz de decifrar o sentido de uma cultura diferente da cultura do observador, nos valores, nas crenças e nos comportamentos. (CANEVACCI, 1997, p. 16)

Um exemplo é a comparação de duas praças: a Praça dos Aliados, no Porto, e a Praça do Ferreira, em Fortaleza. Os dois locais são trafegados por várias pessoas e as praças comunicam a cultura da cidade e os contextos históricos e sociais.

“O distanciamento urbano e sua reconstrução é condição única para sua compreensão[...]”, Massimo (1997) reflete que a percepção da cidade a forma como ela será conhecida pelo viajante será de acordo com aquilo que o indivíduo já considera familiar.

Este processo é exatamente o oposto ao que foi descrito e que se baseia no sentido do próprio perder-se na cidade, como o qual deve coexistir. Como diz Benjamin: “Antes de conhecer a própria Moscou, é Berlim que aprendemos a conhecer através de Moscou”. (CANEVACCI, 1997, p. 21)

Assim compreende-se que Porto e as outras cidades conhecidas pela Europa são entendidas e construídas pelo indivíduo a partir das experiências e memórias da cidade de origem, no caso Fortaleza.

1. COMUNICAÇÃO VISUAL E OLHAR DO ESTRANGEIRO

É esta cidade polifônica: uma cidade narrada com diversas técnicas interpretativas, cada qual uma da outra, mas convergindo todas para a focalização de um *paradigma inquieto*: a abstração epistemológica da forma-cidade e as emoções do *perder-se* no urbano, a seleção fotográfica de alguns edifícios arquitetônicos significativos e a linguagem literária da sua representação[...]. (CANEVACCI, 1997, p. 18)

Durante o período de intercâmbio foi realizado registros fotográficos nos lugares visitados que memorizou a arquitetura, ruas, vielas e cotidianos das cidades conhecidas. Nas fotografias as cidades são contempladas a partir do olhar e memória fotográfica já construída pelas experiências e vivências originadas em Fortaleza.

Canevacci (1997) compara o estrangeiro ao deus da comunicação na mitologia grega, Hermes. Segundo Crapanzano (1986: 51), o deus é um mensageiro que conta com algumas metodologias para descobrir o mascarado e inconsciente, obtendo sua mensagem através do furto. Ao agir dessa maneira, Hermes transforma o estranho em familiar e o que é familiar em estranho.

É sobre estes territórios emersos que o etnógrafo, seguidor de Hermes, deve fixar o próprio olhar oblíquo e furtivo. Neles, de um lado o que é familiar se transforma em estranhado, distanciando-nos da norma e arrastando-nos para o que está se dissolvendo; de outro, o que é estranho se transforma em familiar, avizinhando-nos das regras, fazendo-nos assistir, compreender e até, se possível, transformar as novas opções urbanas que estão para ser iniciadas. (CANEVACCI, 1997, p. 34)

Assim, além do conteúdo comunicado pela ‘comunicação visual’ da cidade, o território também estabelece uma relação com o estrangeiro, colaborando para o entendimento em alguns aspectos da cidade a partir do olhar oblíquo e furtivo. A relação do que era estranho e passa a se tornar familiar o território estrangeiro já explorado pelo viajante, como o cotidiano vivido com uma caminhada, ida ao supermercado ou a uma praça.

Cada indivíduo constrói seu próprio olhar do novo, o que transforma uma cidade como o Porto em uma experiência única e diferente a cada novo ‘habitante’. Rotas pela cidade, como ir de casa para a universidade, possibilitam diferentes caminhos a cada um, já

que o seu familiar passa a ser reconhecido na cidade até na maneira de criar caminhos e rumos, como a possibilidade de ir de metrô ou a pé. O que atrai nela também é influenciado pelo familiar de cada pessoa, como na escolha de um lugar para sair.

Outro fator é o idioma. Mesmo sendo o português a língua mãe do Brasil e Portugal há diversas diferenças em cada cidade portuguesa, assim como no Brasil. Gírias e palavras empregadas em sentidos opostos, o uso correto da gramática da língua portuguesa, a entonação das palavras, a rapidez da fala e a facilidade com outros idiomas, no início do intercâmbio foram difíceis em serem entendidas e utilizadas. As aulas tornaram-se um desafio, já que havia a ligação do fim de uma palavra ao início da outra e a ‘acentuação’ de R e das vogais em cada frase a ser dita.

Canevacci (1997) explica ao citar o termo ‘comunicação visual’ o que pode remeter a comunicação da cidade para com o estrangeiro. Ele a conhece por meio de suas ruas, muros, pessoas ou outros fatores que podem comunicar através dos seus signos. Observa-se que o graffiti, a arte urbana é algo comum nos muros, asfaltos, postes, placas européias, assim como em algumas cidade brasileiras. “O que quer dizer que a comunicação visual [...] está fornecendo seus próprios signos e contra-signos à cultura contemporânea com uma força de penetração jamais “vista” antes.”

De acordo com o cientista social português, Ricardo Campos (2007), na obra “Porque pintamos a cidade?”, há influências antropológicas nas pinturas, grafites e afins, que comunicam na cidade e que a partir do olhar de quem a observa há diferentes representações, já que o observador pode vir a ser de outra cultura do que está sendo observado. “A observação no terreno adquire um sentido simultaneamente metafórico e concreto, denunciando este princípio fundador de toda uma epistemologia: o elo que se estabelece entre observador e observado, o olhar que recai sobre a cultura” (CAMPOS, 2007, p 17).

Dessa forma, os registros fotográficos realizados de janeiro a julho de 2015 por diferentes cidades europeias, confirmam as palavras do autor, já que há diversos escritos e desenhos nas paredes referentes ao país, a situação política e econômica muitas vezes não fundamentava a inserção cultural da qual eu participava, causando dúvidas e

estranhamentos. O Brasil estava no início da reeleição de Dilma Rousseff, mas Portugal possuía outra abordagem política da qual eu não tinha conhecimentos por não estar inserida. “Há a firme convicção de que a cultura se manifesta visualmente e pode, como tal, ser apreendida e descodificada através do olhar e do registro da imagem” (CAMPOS, 2007, p. 17).

Ao caminhar rumo à faculdade, o mesmo graffiti estava lá, escrito em uma parede abaixo de uma árvore que floresceu durante o mês de março. “Que as lembranças não sejam o que ficou por dizer”, guiou os dias frios de um inverno doloroso para uma cearense recém chegada ao novo habitat. Alguns meses depois, na mesma rua, outra frase foi colocada em uma parede residencial. Dias depois, uma pintura branca a cobriu, mas a frase era de Renato Russo, ainda na época de ‘Aborto Elétrico’: “a tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos”. A frase da música ‘Tempo Perdido’, coloriu o fim da primavera e início do verão.

Sobre isso também, Ricardo Campos (2007) aborda que: “Com maior ou menor surpresa vemos as paredes que nos são familiares renovarem-se regularmente com escritos e personagens”. Dessa forma, diversas frases foram pichadas em trechos que era percorrido diariamente, sendo alguns com relação a algum fenômeno, como o lugar que estava sendo pintado.

Campos (2007) aponta que essas imagens, desde desenhos colados na parede a gaffites, buscam a visibilidade, pretendendo comunicar no espaço que estão, pois chamam a atenção dos pedestres e transeuntes que passam por ali e ocupam um lugar no território. “Todas estas imagens pretendem visibilidade. Encerram-se num espaço comunicacional próprio que longe de estar enclausurado, dialoga com outros universos que lhe estão próximos”.

O autor explica que os graffiti passam a fazer parte da paisagem metropolitana pelas paredes os quais podem fazer críticas a algo, como os veículos de comunicação, fazendo uso de um idioma próprio. “A sua extensa visibilidade serve de gloriosa ostentação de um idioma que se sabe indecifrável e que satiriza os modernos veículos de comunicação”. Campos (2007) contempla que a cidade é para ser lida, atingindo os diferentes públicos e pontos de vista.

Campos (2007) ao explicar sobre terrenos metropolitanos, em que parte de diferentes entendimentos que se assemelham ao que ‘ser intercambista’ tem como consequência. “Compreender um conjunto cultural pressupõe, conseqüentemente, navegar por diferentes arenas, agentes e níveis que contribuem para a sua formação e representação destes conjuntos”. A compreensão de um conjunto cultural, e até inserção nele, é o que muitas vezes um intercambista ao viver aquela nova realidade passa a experimentar.

Dessa forma, os países visitados demonstram pelos seus grafites, diferentes realidades sociais e interpretações. Em sua pesquisa, Ricardo (2007) aborda sobre ‘terreno etnográfico’, que para a pesquisa são os diferentes lugares que foram visitados. “Ir para o terreno significava entrar num tempo e espaços precisos, assinalados por uma entrada e saída”, ou seja, os graffites registrados possuem um tempo e espaço precisos, no caso.

Outro fator importante durante o período de intercâmbio foi a internet. Através dela roteiros de viagens foram montados por nós, principais monumentos pesquisados para serem conhecidos, filmes assistidos sobre determinados lugares para colaborar com a viagem e reserva de locais para nos hospedarmos. Além disso, as redes sociais colaboraram como um fator determinante, já que através delas nos comunicávamos com nossos familiares, postávamos textos, fotos ou vídeos, o que contribua para a interação com amigos e parentes que estavam no Brasil.

Campos (2007) explica que “a reflexividade da vida social significa que, actualmente, o actores sociais estão cada vez mais cientes dos papéis que desempenham e das oportunidades de alteração de cenários e papéis, da constituição de projectos individuais”. Projectos individuais, como o blog criado em março de 2015, fernandapelomundo.tumblr.com, que possuía o objetivo de ser uma ferramenta para documentar a partir da escrita de crônicas ou contos a realidade que eu estava vivendo. Com relação aos consumidores desse tipo de produto, o autor reflete que “as pessoas e comunidades consomem imagens de si veiculadas por outros e têm, cada vez mais, capacidade e competência para produzir imagens sobre si, convocando os media, a Internet, etc”.

A internet e redes sociais colaboraram para a proximidade entre Brasil e Portugal, quebra de fronteiras e formar laços com outros intercambista que colaboraram de alguma

forma em algumas viagens e costumes de cada lugar, por exemplo. Nas viagens feitas durante o período de intercâmbio, houve a necessidade de antes de ir ao local destinado, como Florença, Veneza, Paris e Madrid, conhecer um pouco da sua história, já que alguns deles possuíam idiomas, cultura e tradições diferentes. Por isso, houve a busca por experiências de outros brasileiros, amigos ou desconhecidos, a partir das redes sociais, grupos, blogs ou sites pessoais. Assim, os roteiros foram elaborados para cada destino.

A lógica de rede remete-nos, por um lado, para a importância dos laços existentes entre indivíduos e grupos, conexões sociais que se tecem a partir de filiações fundadas em identidades, práticas, interesses ou situações comuns, por outro lado, para a multiplicidade de lugares (mais ou menos próximos) em torno dos quais se pode coordenar a pertença social (CAMPOS, 2007, p. 35)

De acordo com Ricardo Campos (2007), a rede social permite contato interpessoal além dos limites geográficos, justamente o que foi vivido durante o período de intercâmbio.

2. AS IMAGENS E A CIDADE

Segundo Walter Benjamin (1987), as imagens passam a ser percebidas após sua captura. Ao observar o álbum de fotografia do período de janeiro a julho de 2015, a percepção das fotos passou a ser outra, já que a maioria tinha sido observada apenas no momento de serem fotografadas.

Ao fotografar a viajante buscava apenas capturar os momentos que não voltariam mais de cada cotidiano visitado nas diferentes cidades europeias, dentre elas Porto, Aveiro, Barcelona, Paris, Verona e Florença. Cenas cotidianas e escritos de diferentes tipos, como de amor, políticos, palavras de ordem, frases de incentivo, foram registradas. As fotografias foram feitas apenas com o objetivo de registro para aquela oportunidade. Não havia o objetivo de realizar pesquisa.

“Depois de mergulharmos suficientemente fundo em imagens assim, percebemos que também aqui os extremos se tocam: a técnica mais exata pode dar às suas criações um valor mágico que um quadro nunca mais terá para nós”. Benjamin (1987) também considera que a técnica da utilização da câmera pode dar ao exato momento um valor mágico, ou seja, uma percepção posterior que no momento da fotografia não foi percebido.

Ao observar as fotos, percebe-se que a maioria possui uma “pequena centelha do acaso”, que segundo Benjamin (1987) é algo feita pela realidade do momento. Ao olhar para a foto tempos depois, depara-se com o que não foi percebido na sua captura que de alguma forma pode expressar comunicação de quem a vê. Isso pode ser percebido por uma seta que indica algum caminho, o céu que conversa de forma harmoniosa com o cenário, a simetria de objetos, palavras que podem conversar junto com a cena cotidiana, graffites que de alguma forma impressionam, pichações e frases de outros idiomas, que ao traduzir, seu significado passa a ser entendido.

Dessa forma o autor explica que é percebido o inconsciente ótico, que após a reflexão daquela imagem se vê o que no momento não foi visto ou registrado propositalmente. Por isso, o Benjamin (1987) também observa que o olhar percebe cenas que podem ser inconscientes e após a observação e análise são percebidas, desde detalhes insignificantes a outros significativos. “A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente”.

De acordo com Martins Filho e Araújo (2015) ao citarem Samain (2012) e Campos (2007), observam que a imagem instiga o observador e que há algo mais que a representação, no caso, alguma forma de reflexão produzida através dela.

Etienne Samain (2012) concorda com Campos quando este argumenta que há, para além da mera representação, uma forma de pensamento oriunda/produzida a partir/nas imagens. Em sua obra, “Como pensam as imagens?”, o autor observa como a imagem é capaz de instigar de alguma forma o observador. Ele acrescenta: a imagem “nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar” (SAMAIN, 2012, p. 22) (MARTINS FILHO, ARAÚJO, 2015, p. 3)

A imagem abaixo, fotografada em Verona, Itália, é um exemplo de inconsciente ótico, já que apresenta elementos que ao ser fotografados talvez não foram percebidos. Há uma sincronia na imagem: uma diagonal que mostra dois animais com o mesmo rosto. As paredes estão com nomes de ruas distintas. Em uma delas há uma pequena plaquinha com a frase em italiano ‘divieto d affissione’ e um código abaixo. A tradução para o português é

‘pôster proibição’ e abaixo da frase há “art 663 C. P.”, o que pode-se imaginar que seja um artigo de lei. Percebe-se também que há diversas colagens em uma que indica placa de passagem para pedestres. Abaixo dela há a palavra ‘desigual’ que se opõe a simetria das ruas, mas que de alguma forma afirma suas diferenças.



Foto: Fernanda de Façanha (2015).

3. ANÁLISE DAS IMAGENS: FOTOGRAFIAS DE TODOS OS LUGARES

A metodologia utilizada para análise das fotos foi a partir da iluminação dos pormenores e inconsciente ótico explicados por Walter Benjamin (1987) e da interpretação furtiva de Hermes explicada por Massimo Canevacci (1997). O objetivo é perceber como as imagens iluminam os pormenores e comunicam quando estão reunidas em uma sequência, evidenciando o inconsciente ótico não percebido.

Observar o álbum de fotografias, composto por 124 fotos, é como voltar ao local e perceber o que não foi interpretado e notado no local físico. Cada uma delas dispõe de diferentes histórias e experiências o que possibilita o sentimento de reviver de outra forma aquele momento que já passou.



Figura 1: Love story. Porto. Fo
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 2: Come on. Porto. Figura
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



3: Love me. Porto.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 4: Lembranças. Porto.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)

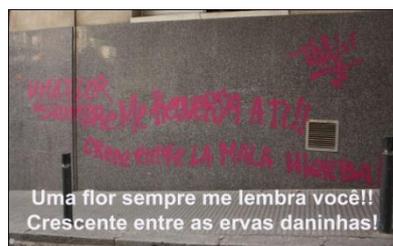


Figura 5: Flor crescente. Barcelona.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 6: Love blush. Paris.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 7: Mulher. Paris.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 8: Olá bela. Porto.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 9: Edith Piaf. Lisboa.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 10: Vida. Aveiro.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 11: Importância. Aveiro.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)

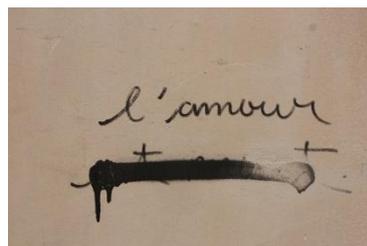


Figura 12: Amor. Paris.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)

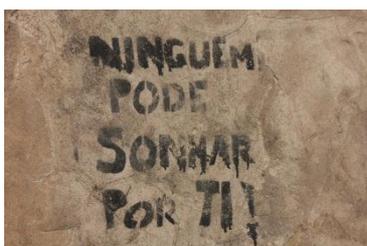


Figura 13: Sonho. Lisboa.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 14: Hoje. Porto.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)



Figura 15: Agora. Aveiro.
 Foto: Fernanda de Façanha (2015)

São fotografias organizadas sem ordem cronológica ou de onde foram tiradas. O objetivo dessa construção foi elaborar com as imagens uma história que pudesse fazer sentido. No caso tornou-se uma história de amor, já que alguns escritos, graffites e pichações, são de declarações ou frases amorosas. Foram fotografadas do período de janeiro a julho em Porto, Lisboa, Aveiro, Paris e Barcelona.

A idéia sobre Hermes na cidade explicada por Massimo Canevacci (1997) pode ser relacionada com a forma que as fotos foram organizadas. Canevacci, a partir da citação de Crapanzano, reflete que Hermes se baseia na contínua inversão metodológica, tornando o que é estranho, familiar e o que é familiar, estranho. Segundo o autor, para Hermes a mensagem é formada a partir de algo inconsciente e através de um furto. Assim, o deus dá sentido ao que não fazia sentido, a partir da decodificação e interpretação da mensagem.

CONSIDERAÇÕES

Por meio do olhar sobre o estrangeiro por Campos (2007) e o inconsciente ótico por Benjamin (1987), conclui-se que ao estar em um ambiente estranho, a sensibilidade dos sentidos aflora-se, permitindo a percepção de polifonias e detalhes que poderiam passar despercebidos se estivesse em um lugar de conforto do viajante.

A fotografia, o registro de algumas imagens cotidianas e graffites, torna-se a ferramenta usada para a reflexão sobre os possíveis inconscientes óticos e também para a memória. A experiência de viver um intercâmbio acadêmico é única para cada estudante que se submete a estudar em outro lugar e conviver com uma nova realidade cultural e tradições diversas. O sentimento de estar em busca de constantes experiências conclui-se ao voltar para a cidade de origem onde o cotidiano e pormenores não eram percebidos com a mesma sensibilidade que no estrangeiro.

Por isso, ao voltar e fotografar em Fortaleza, cidade de origem, passou a ser um desafio cotidiano já que neste local, também há inconscientes óticos na rua, universidade e em qualquer lugar. A aparição única de algo não imaginado em uma mesma imagem pode ocorrer em qualquer lugar físico do mundo, mas a interpretação para essa aparição depende de quem o vê, a partir das experiências sociais e culturais deste ser.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Alessandra e FILHO, Tarcísio Bezerra Martins. **Os graffitis, os transeuntes e o ciberespaço**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas II: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CAMPOS, Ricardo. **Porque Pintamos a Cidade? Uma Abordagem Etnográfica ao Graffiti Urbano**. Lisboa: Fim de Século, 2010.